

O PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO DOS ALUNOS DAS ESCOLAS TÉCNICAS: O CASO DA FAETEC

Anita Handfas

Faculdade de Educação/ UFRJ

E-mail: anitahandfas@gmail.com

RESUMO

O objetivo do artigo é apresentar os dados da pesquisa¹ que vem sendo realizada na Escola Técnica Estadual República, cujo objetivo é traçar o perfil sócio-econômico dos alunos. A pesquisa pretende investigar o processo de escolarização dos alunos das escolas técnicas, considerando os diversos tipos de vinculação destas com o sistema produtivo. Nessa direção, uma questão importante é saber quais são as expectativas dos alunos das classes populares no que diz respeito à ascensão social via formação média e técnica. Buscando oferecer subsídios para a análise desses dados, será sistematizado o debate teórico da bibliografia sobre a classe média.

Palavras-chave: Faetec, ensino médio, ensino técnico, escolarização, classes sociais.

ABSTRACT

The objective of the article is to present the data of the research that it has been accomplished at the School State Technical Republic, whose objective is to draw the students' socioeconomic profile. The research intends to investigate the process of the students' of the technical schools education, considering the several types of connection of these with the productive system. In that direction, an important subject is to know which are the students' of the popular classes expectations in what says respect to the social ascension saw medium and technical formation. Looking for to offer subsidies for the analysis of those data, the theoretical debate of the bibliography will be systematized on the middle class.

Keywords: Faetec, medium class, technical class, education, social classes.

¹ A pesquisa contou com a participação da bolsista PIBIC Vanessa Rubia dos Santos (2007/2008), responsável pelo trabalho de campo, aplicação dos questionários, sistematização dos dados e elaboração das tabelas constantes deste trabalho.

O PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO DOS ALUNOS DAS ESCOLAS TÉCNICAS: O CASO DA FAETEC

Anita Handfas

Introdução

A escola como objeto de estudo, tem mobilizado o interesse de pesquisadores de diferentes áreas das ciências da educação, seja de pedagogos, psicólogos, historiadores e cientistas sociais. No plano sociológico, ela tem sido analisada sob diferentes aspectos e a partir de diferentes perspectivas teóricas.

O presente artigo tem como objetivo apresentar o estado atual da pesquisa que vimos realizando, cujo objetivo é investigar as expectativas de alunos no que diz respeito à ascensão social via escolarização técnica. No plano teórico, a pesquisa pretende analisar a escola pública do ponto de vista das classes sociais.

Tal perspectiva teórica se justifica pela constatação de uma tendência crescente na pesquisa educacional de análises que, sob diferentes aportes teóricos, não conseguem captar a dinâmica do real, resultando, no limite, em análises abstratas que se vêem impedidas de apreender a escola como um processo social complexo e contraditório. No plano empírico, a compreensão de que a investigação da escola pode encontrar um terreno fértil quando tratada do ponto de vista das classes e das frações de classes, o que implica identificar a extração social dos agentes que atuam na escola e, por conseguinte, as formas ideológicas e simbólicas por meio das quais eles se posicionam na dinâmica escolar.

Inicialmente, explicitarei os objetivos da pesquisa, assim como seus procedimentos metodológicos e apresentarei alguns dados coletados por meio de um questionário, cujo objetivo é traçar o perfil sócio-econômico dos alunos da escola investigada. Em seguida, será sistematizado o debate com a bibliografia sobre a classe média, para nas considerações finais, identificar ainda que de forma preliminar alguns elementos teóricos deste debate e suas possibilidades para a apreensão do objeto de estudo.

Trajetórias e expectativas dos alunos da Escola Técnica Estadual República

A pesquisa que venho desenvolvendo tem o objetivo de investigar o processo de escolarização dos alunos das escolas técnicas, considerando os diversos tipos de vinculação destas com o

sistema produtivo. Nessa direção, uma questão importante é saber quais são as expectativas dos alunos das classes populares no que diz respeito à ascensão social via formação média e técnica. A partir de um trabalho de campo realizado em uma escola técnica da Fundação de Apoio às Escolas Técnicas - FAETEC, na primeira etapa da pesquisa foram aplicados questionários para levantamento dos dados sócio-econômicos dos alunos de dois cursos, com o objetivo de conhecer a sua extração social.

Iniciamos a pesquisa na Escola Técnica Estadual República, situada em Quintino, grande complexo que reúne diversas unidades escolares. A escolha dessa escola não foi aleatória, mas teve como critério principal o fato de ser a mais antiga escola de caráter profissional incorporada à FAETEC, além de ser uma das maiores escolas da rede, em termos de número de matrículas.

A Escola Técnica Estadual República chamava-se Escola XV de Novembro (1889), sendo incorporada à Fundação Nacional do Bem Estar do Menor – FUNABEM, quando da sua criação em 1964. Ao longo desse tempo manteve seu caráter assistencialista a órfãos e menores abandonados, cuja função era de dar de profissionalizar o menor assistido. Em 1996, a escola é incorporada à FAEP (hoje FAETEC), tendo seu nome mudado para Escola Técnica República em 1997.

Atualmente a E.T.E. República registra cerca de 3.801 alunos matriculados cursando o ensino médio concomitante ou o ensino médio seqüencial. Aquele oferece cursos técnicos de enfermagem, eletrônica, informática, mecânica e telecomunicações nos turnos da manhã, tarde e noite e este oferece cursos técnicos em eletrônica, moda, informática e telecomunicações no turno da noite e tarde.

O quadro 1 mostra o quantitativo de alunos por modalidade e por curso:

Cursos	Ens. Médio Concomitante			Ens. Médio Seqüencial			Total
	1º Turno	2º Turno	3º Turno	1º Turno	2º Turno	3º Turno	
Informática	383	280	96	----	----	84	843
Eletrônica	298	236	----	----	----	160	694
Telecomunicações	305	272	11	----	----	107	695
Mecânica	265	239	----	----	----	137	641
Enfermagem	381	294	170	----	----	----	845
Modas	----	----	----	29	25	29	83
Total	1632	1321	277	29	25	517	
Total Geral	3230			517			3801

Quadro 1. Fonte: secretaria de ensino da ETE República

Para a aplicação dos questionários de dados sócio-econômicos foram selecionados inicialmente dois cursos do 1º turno – Enfermagem e Telecomunicações. Os questionários foram aplicados em todos os alunos, conforme o quadro 2.

Questionários aplicados por curso		
Enfermagem 1	79	22,1%
Enfermagem 2	80	22,3%
Enfermagem 3	50	14,0%
Telecom 1	51	14,2%
Telecom 2	62	17,3%
Telecom 3	36	10,1%
TOTAL	358	100,0%

Quadro 2. Fonte: questionário da pesquisa

Os quadros 3 e 4 indicam a distribuição dos alunos por sexo e faixa etária.

Distribuição dos alunos por sexo e curso			
	Feminino	Masculino	Total
Enfermagem	179	30	209
Telecom	91	56	147
Total	270	86	356
Não Respondidos			2

Quadro 3. Fonte: questionário da pesquisa

Faixa Etária		
13-14	23	6,4%
15-17	285	79,6
18-20	46	12,9
Total	354	98,9
Não Respondidos	4	1,1

Quadro 4. Fonte: questionário da pesquisa

Nota-se que há uma clara predominância de estudantes do sexo feminino em ambos os cursos. Se isso pode ser explicado pelo curso de Enfermagem, cujo ingresso de mulheres tem sido recorrente, é interessante notar também que a dominância do sexo feminino pode indicar o crescente acesso das mulheres nos postos de trabalho, inclusive no setor de serviços, como é também o caso do curso de Telecomunicações.

Também foram coletados dados sobre a escolaridade dos pais. É o que indicam os quadros 5 e 6.

Escolaridade do Pai		
Ensino Fundamental (In) Completo	68	18,9%
Ensino Médio (In) Completo	166	46,4%
Superior (In) Completo	79	22,1%
Pós Graduação (Pós) Doutorado	14	3,9%
Total	327	91,3%
Não Respondidos	31	8,7%
	358	100,0%

Quadro 5. Fonte: Questionário da Pesquisa

Escolaridade da Mãe		
Ensino Fundamental (In) Completo	53	14,8%
Ensino Médio (In) Completo	185	51,7%
Superior (In) Completo	92	25,7%
Pós Graduação (Pós) Doutorado	15	4,2%
Total	345	96,4%
Não Respondidos	13	3,6%
	358	100,0%

Quadro 6. Fonte: Questionário da Pesquisa

Na tabulação dos dados das tabelas acima, agrupamos as respostas que incidiam sobre o Ensino Médio e o Ensino Fundamental completo ou incompleto; desse modo, além de notarmos uma frequência um pouco maior no grau de escolarização das mães, o importante é registrar que em termos de escolarização dos pais, os dados indicaram uma incidência no Ensino Médio (completo ou incompleto). Esses dados são importantes e podem nos fornecer elementos para pensar a questão da herança cultural das famílias sobre a escolarização de seus filhos. Além disso, os dados também nos ajudam a pensar sobre as questões levantadas anteriormente a respeito da expectativa que famílias das classes médias depositam na escolarização de seus filhos, almejando para estes uma elevação no patamar social que eles não alcançaram.

Essa questão pode ser ratificada quando examinamos os dados relativos à renda familiar no quadro 7.

Renda Mensal Familiar		
Até 380	9	2,5%
De 380 a 760	69	19,3%
De 760 a 1140	95	26,5%
De 1140 a 1520	63	17,6
De 1520 a 3000	75	20,9
Mais de 3000	27	7,5
Total	338	94,4%

Quadro 7. Fonte: Questionário da Pesquisa

Se agruparmos as faixas salariais intermediárias, veremos que cerca de 65% das famílias possuem renda mensal entre 3 e 8 salários mínimos, caracterizando-se do ponto de vista econômico, como famílias de classe média. Nos dados relativos à ocupação dos pais, verificamos que a maior incidência recaiu sobre as profissões de autônomo, ao magistério (principalmente no caso das mulheres) e ao setor de serviços.

Incluímos também no questionário perguntas relacionadas às escolhas dos alunos no que diz respeito a sua formação escolar. Não apresentarei as tabelas, mas comentarei os principais dados levantados.

Interessada em saber qual o grau de influência exercida pela família na escolha da escolarização dos filhos, fizemos algumas perguntas. Quando perguntados sobre quem escolheu a ETE República e o curso, a maioria dos alunos disse ter sido sua a escolha. Quanto aos motivos pelos quais foi escolhida a ETE República, mais de 80% apontaram como principal motivo o fato de ser uma escola técnica. Já, o motivo apontado para a escolha do curso foi o interesse em trabalhar na área (enfermagem ou telecomunicações).

Esses dados podem indicar que a escolha por uma escola técnica atenderia as expectativas desses alunos por uma trajetória escolar finalizada no ensino médio, mas ao mesmo tempo, com uma certificação que possa lhe fornecer melhores condições de disputar um posto de trabalho com exigências de maior qualificação. Por outro lado, registramos também que a quase totalidade dos alunos afirmou que pretende fazer um curso superior, a maioria relacionados a sua própria área de formação no nível médio.

Outros dados foram coletados, de modo a completar o perfil do aluno que estuda na E.T.E. República, por ora o objetivo foi o de apresentar os mais importantes, mesmo porque, a próxima etapa da pesquisa prevê a realização de entrevistas com os alunos e suas famílias, de modo a agregar novos elementos para a análise. Para o presente artigo, importa ressaltar a origem sócio-econômica dos alunos, cujos dados indicam pertencerem a extratos da classe média.

Com efeito, para a análise proposta, o pertencimento de classe definido exclusivamente pelo critério econômico, nos parece insuficiente para a apreensão das expectativas desses alunos no que diz respeito à ascensão social. Isto foi o que nos motivou a buscar na bibliografia o debate sobre as classes sociais, particularmente, a classe média.

No item a seguir, buscarei sistematizar brevemente esse debate.

O debate com a bibliografia sobre a classe média

O debate teórico em torno da inserção de classe dos trabalhadores não-manuais tem motivado a sociologia, evidenciando controvérsias tanto no interior do marxismo, como entre as correntes teóricas que priorizam em suas análises a questão de saber qual é o pertencimento de classe dos diferentes grupos sociais.

Quem são os trabalhadores não-manuais? São os trabalhadores assalariados que realizam um trabalho investido de constructos simbólicos, rituais e de elementos culturais que os distinguem dos trabalhadores manuais e ao mesmo tempo dos trabalhadores intelectuais.

Os trabalhadores não-manuais vão se constituir enquanto um novo grupo social a partir do século XX, no contexto do processo de industrialização que tem como decorrência a expansão dos serviços urbanos e o surgimento de novos grupos sociais constituídos de trabalhadores improdutivos e agrupados nos setores terciários e secundários.

É a sua condição de trabalhadores improdutivos - que não contribuem diretamente com a produção de mercadorias e portanto têm uma participação indireta na produção de mais-valia - que irá situá-los na estrutura ocupacional e na escala social como trabalhadores não-manuais.

No plano da análise sociológica, o surgimento desse novo grupo social agregou novos elementos teóricos, trazendo para o debate a questão de definir o pertencimento de classe dos trabalhadores não-manuais.

De um modo geral, é possível resumir este debate a partir de três direções distintas: uma primeira direção, que reconhece esses trabalhadores como proletários; uma segunda, de reconhecê-los como burgueses; e finalmente a de caracterizá-los como um grupo que constituiria uma nova classe social. A cada uma dessas orientações corresponderiam certas disposições ideológicas dos trabalhadores não-manuais, suas posições políticas assumidas em diferentes conjunturas, assim como uma maior ou menor identificação de interesses materiais entre as diversas classes.

Retrospectivamente, podemos ressaltar os seguintes pontos relevantes para a compreensão deste debate.

No interior do marxismo, devemos situar o *Manifesto do Partido Comunista*, como o texto base para a defesa da tese da bipolarização social – burguesia e proletariado. Esta tese orientou muitos trabalhos e vigorou até mais ou menos a década de 1970. Sua principal decorrência é a de conceber os trabalhadores não-manuais como proletários, já que para esses analistas, a determinação de classe estaria reduzida ao assalariamento.

Podemos verificar em diversas passagens do *Manifesto*, o elemento econômico, ou de posse ou não dos meios de produção, como critério exclusivo de pertencimento de classe. Assim, na definição dada por Marx e Engels de burguesia e de proletariado, encontramos:

“Por burguesia compreende-se a classe dos capitalistas modernos, proprietários dos meios de produção social, que empregam o trabalho assalariado. Por proletários compreende-se a classe dos trabalhadores assalariados modernos que, privados dos meios de produção próprios, se vêem obrigados a vender sua força de trabalho para poder existir”. (1975, p.21)

Ainda na década de 1970, Harry Braverman, em seu livro *Trabalho e capital monopolista*, sustenta a mesma tese da fusão dos trabalhadores não-manuais (trabalhadores de escritórios, comerciários, etc.) com o proletariado, e argumenta que já não caberia mais a divisão entre trabalho manual e trabalho intelectual no moderno mundo do trabalho, uma vez que a gerência científica teria concentrado as tarefas de coordenação e padronizado de tal forma o trabalho nos escritórios que, tal como na fábrica, as operações teriam passado a ser repetitivas e rotineiras, razão pela qual, os trabalhadores não-manuais deveriam ser inseridos na mesma classe do proletariado.

Nota-se que de acordo com essas concepções teóricas, o assalariamento, assim como o tipo de trabalho, vale dizer o aspecto econômico, são os critérios fundamentais para situar os trabalhadores não-manuais na estrutura de classes.

Foram os trabalhos de orientação weberiana que introduziram novos elementos teóricos para se pensar a inserção de classe dos trabalhadores não-manuais. Wright Mills, em seu livro *A nova classe média*, argumenta que os critérios de assalariamento e de nível salarial seriam insuficientes para definir a inserção de classe dos trabalhadores não-manuais e propõe considerar a *hierarquia do status* como critério que impossibilitaria considerar estes trabalhadores como proletários. Segundo Wright Mills, ainda que no que diz respeito ao rendimento e à propriedade, os trabalhadores não-manuais se aproximem dos operários, o prestígio proclamado pelos trabalhadores não-manuais é um traço distintivo e decisivo que estes trabalhadores reclamem um status superior aos trabalhadores manuais.

Na mesma direção, David Lockwood argumenta que a classe média tem gozado de vantagens materiais, tais como melhores salários, maior estabilidade no emprego, maior possibilidade de ascensão funcional e melhores condições de trabalho. Para ele, ao contrário da fábrica, cuja situação de trabalho favoreceria uma maior sociabilidade entre os trabalhadores manuais, o tamanho dos escritórios, a fragmentação interna, as diferenças de status e autoridade contribuiriam na formação da consciência dos trabalhadores da classe média.

Pierre Bourdieu é outro autor que identifica a distinção como uma característica da estrutura social capitalista. No entanto, argumenta que a distinção social não seria uma característica exclusiva da classe média, mas inerente a todas as classes sociais, que lutam por modificar simbólica e culturalmente suas características, qualificações, prestígio social, padrões de comportamento, etc.

Trazendo novos elementos para o debate sobre a inserção de classe dos trabalhadores não-manuais, Nicos Poulantzas, no campo do marxismo, sustenta a tese de que as relações sociais de produção não podem ser reduzidas às relações econômicas, mas elas se referem também às relações políticas e ideológicas.

No Brasil, a polêmica sobre os trabalhadores não-manuais tomou impulso com os trabalhos de Décio Saes. Desenvolvendo o conceito restrito de proletariado apresentado por Poulantzas, Saes sustenta a tese de que, ainda que se manifestem uma heterogeneidade de práticas e orientações entre os trabalhadores não-manuais, existiria uma unidade ideológica que os unificaria: a ideologia da meritocracia. Saes faz uma distinção entre os trabalhadores produtivos e os improdutivos, uma vez que os primeiros viveriam cotidianamente a contradição entre trabalho e capital, favorecendo a sociabilidade. Para os trabalhadores improdutivos, a separação entre

trabalho manual e intelectual apareceria como uma diferença natural, fundamentada em dons e méritos pessoais. A ideologia da meritocracia funcionaria aqui como um mecanismo ideológico que serviria para apagar da consciência desses trabalhadores a sua condição de explorados, substituindo-a pelo sentimento de superioridade, preconceito, etc. Nesse sentido, os trabalhadores não-manuais conceberiam as relações de trabalho como relações pessoais ou entre grupos profissionais e as desigualdades sociais seriam concebidas como diferenças de capacidades, dons e talentos pessoais.

Mais recentemente, esse mesmo autor analisou a conexão entre as classes sociais e a escola pública. Alguns estudos apontam que essa relação pode variar. Saes analisa a posição das classes sociais com relação à defesa da escola pública, gratuita e obrigatória e conclui que não interessaria às classes capitalistas a defesa dessa instituição, na medida em que, como classe detentora dos meios de produção, a instrução deverá ser garantida aos trabalhadores manuais nos limites em que estes necessitam para ocupar os postos manuais da divisão social do trabalho. Ou seja, não interessaria às classes capitalistas garantir no plano institucional e escolar, uma educação efetiva às classes trabalhadoras manuais, sob pena de que essa mesma classe, uma vez de posse de instrução elevada, pudesse forçar uma nova reordenação da divisão social do trabalho. Do ponto de vista político e ideológico, o risco (para as classes capitalistas) seria o de que quanto mais elevado o grau de instrução das classes trabalhadoras manuais, mais cresce o potencial de conscientização política da sua própria exploração enquanto classe, podendo inclusive alcançar níveis de questionamento dos fundamentos dessa exploração.

Do ponto de vista das classes trabalhadoras manuais, Saes indica que o interesse na defesa da escola pública, gratuita e obrigatória também é relativo, na medida em que as condições objetivas dessa classe social a impedem de almejar para os seus filhos uma trajetória de escolarização prolongada. Esse desinteresse se justificaria por dois motivos principais: primeiro, porque é comum para essa classe social ter o trabalho dos filhos menores como uma forma de contribuir para a renda familiar; segundo, porque manter os filhos das classes trabalhadoras na escola, ainda que pública e gratuita, incide sob custos indiretos que em muitos casos acaba por acarretar a interrupção ou mesmo o abandono da trajetória escolar. Dessa forma, interessaria às classes trabalhadoras manuais garantir uma educação que pudesse assegurar a inserção de seus filhos nos postos manuais da divisão social do trabalho.

Em sua análise, o autor identifica a classe média como a que se posicionaria de fato em defesa da escola pública, gratuita e obrigatória. Isso pelo fato de que para justificar perante a sociedade seu prestígio social com relação às classes trabalhadoras manuais, a classe média necessita respaldar-se no mito da Escola Única. De acordo com esse mito, não obstante origens sociais distintas,

todos os alunos recebem o mesmo tipo de educação e, portanto as mesmas oportunidades de sucesso profissional. Ou seja, no plano da prática social, o mito da Escola Única opera de forma a justificar o sucesso escolar por meio do esforço pessoal. Ora, o mito da Escola Única, que se traduz na ideologia do mérito, é eficaz para a classe média justificar sua posição social elevada com relação às classes trabalhadoras manuais. Evidentemente que, ao fazer uso da meritocracia, a classe média está encobrindo o fato de que a escola pública oferece um ensino compatível com os valores e a cultura da classe média, deixando aí em desvantagem os filhos das classes dos trabalhadores manuais.

Mas apesar de identificar a meritocracia como a ideologia por meio da qual a classe média justificaria a sua diferenciação na hierarquia social, com relação às classes trabalhadoras, o autor assinala que a ideologia do mérito atuaria como uma ideologia de “segundo grau”, ou seja, por meio da ideologia do mérito, a classe média estaria encobrindo seus interesses “orgânicos” de classe (interesses econômicos, políticos e ideológicos enquanto uma classe específica), interesses esses que estão relacionados à sua posição na divisão social do trabalho.

Saes explica que o capitalismo se caracteriza, entre outros fatores, pela intensificação da divisão social do trabalho e conseqüentemente, pela separação cada vez mais intensa das tarefas de planejamento (trabalho intelectual) e consecução (trabalho manual). Esse fenômeno determina uma reordenação da própria divisão social do trabalho, criando-se assim uma massa de trabalhadores não-manuais que se diferencia dos trabalhadores intelectuais, mas também dos trabalhadores manuais. O autor argumenta, contudo que essa separação não é reconhecida de modo natural e espontâneo pela classe capitalista. Seria essa situação que mobilizaria a classe dos trabalhadores não-manuais (classe média) a deflagrar uma luta ideológica no interior mesmo do processo de produção, no sentido de construir uma hierarquia do trabalho e, por conseguinte a melhoria da sua posição dentro dessa hierarquia.

Dessa forma, a ideologia do mérito serviria para encobrir o verdadeiro interesse da classe média, que é o de iludir as classes capitalistas e as classes trabalhadoras manuais com relação a sua posição na hierarquia social do trabalho.

E porque, a meritocracia funcionaria como uma ideologia de segundo grau? Porque a busca da satisfação de interesses puramente individuais, pode ser característica de um comportamento de indivíduos de várias classes sociais e não específico da classe média. Na prática social, a defesa do esforço pessoal para alcançar o sucesso escolar, propugnada pela classe média poderia valer para qualquer classe social, inclusive os trabalhadores manuais. Em verdade, esse discurso da classe média serviria para encobrir seu real interesse de classe, qual seja, a hierarquização do trabalho e sua posição superior nessa hierarquia relativa aos trabalhadores manuais.

Penso que a análise de Saes pode ser útil para pensar a dinâmica escolar que encontramos no trabalho de campo. Por um lado, opera com o conceito de classe social que não se limita exclusivamente ao fator econômico dos indivíduos ou dos grupos sociais e, por outro, atribui o pertencimento a uma determinada classe social, uma ideologia que a corresponde.

Considerações finais

Esse trabalho teve como objetivo apresentar alguns dados do levantamento realizado para traçar o perfil sócio-econômico dos alunos da E.T.E. República, como parte da pesquisa que venho desenvolvendo. Como salientei, além da ampliação da pesquisa, visando a obtenção de um quadro mais preciso do universo investigado, outros procedimentos metodológicos serão necessários, de modo a agregar novos elementos que possibilitem uma reflexão sobre as expectativas dos alunos das escolas técnicas no que diz respeito a sua formação e à ascensão social.

Para tal, na etapa seguinte serão realizadas entrevistas com os alunos e seus pais, assim como com os agentes que atuam na escola. Com os dados coletados nessa fase, será possível definir as classes ou frações de classe e a maneira pela qual cada uma delas se relaciona com a escola.

O debate aqui sistematizado da bibliografia sobre a classe média pode fornecer os elementos teóricos para a reflexão sobre a dinâmica da escola, em particular sobre as possibilidades de apreensão dos constructos simbólicos, rituais e de elementos culturais e ideológicos que se apresentam no universo escolar investigado.

Referências bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. Os excluídos do interior. In: **NOGUEIRA**, Maria Alice e **CATANI**, Afrânio (orgs). *Escritos da Educação*. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. *A distinção – crítica social do julgamento*. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre, RS: Zouk, 2008.

BRAVERMANN, Harry. *Trabalho e capital monopolista: a degradação do trabalho no século XX*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.

LOCKWOOD, David. *El trabajador de la clase media: un estudio sobre la consciencia de clase*. Madrid: Aguilar, 1962.

MARX, Karl; **ENGELS**, Friedrich. *O Manifesto do Partido Comunista*. Lisboa: editorial Avante, 1975.

POULANTZAS, Nicos. *As classes sociais no capitalismo de hoje*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
SAES, Décio. *Classe média e sistema político no Brasil*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1985.

_____. *Classe média e escola capitalista*. Crítica Marxista. Cemarx, IFCH, UNICAMP, n° 21, 2005

WRIGHT MILLS, C. *A nova classe média*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.